

EUA devem emprestar US\$ 6 bi

MARIO ANDRADA E SILVA

Correspondente

MIAMI – O governo americano está se preparando para contribuir com a maior parte dos recursos destinados pela comunidade internacional para proteção e resgate da economia brasileira frente à atual crise econômica. Fontes do governo dos EUA informaram que japoneses e alemães estão relutantes em enviar dinheiro para a América Latina, que, segundo eles, é território típico de influência americana. Assim, a cota reservada ao G-7 no pacote de US\$ 30 bilhões para o Brasil será quase toda preenchida com dinheiro do Tesouro dos Estados Unidos. Serão quase US\$ 6 bilhões que o presidente Bill Clinton e o secretário do Tesouro, Robert Rubin, pretendem conseguir arrancar de um Congresso de maioria republicana.

O jornal americano *The New York Times* revelou ontem, em reportagem de primeira página, alguns detalhes do plano americano. A manchete de ontem do mais importante jornal dos EUA era justamente sobre o assunto: "Estados Unidos plane-

jam mandar bilhões para proteger a economia do Brasil". A reportagem conta que Rubin tentará usar para o Brasil o mesmo mecanismo burocrático que a administração Clinton usou quando liberou US\$ 20 bilhões para salvar o México de uma crise semelhante em 1995. Trata-se do Fundo de Estabilização de Câmbio, criado no governo Roosevelt e controlado pelo secretário do Tesouro. Com uma ordem de Clinton, Rubin pode usar o dinheiro sem pedir autorização prévia ao Congresso.

Contágio – O governo Clinton acredita que o Congresso não criaria objeções a uma ajuda financeira do Tesouro americano ao Brasil. Segundo funcionários do governo americano, também citados pelo jornal, o Congresso estaria apavorado com a hipótese de a crise econômica mundial passar pelo Brasil e acabar contaminando outras economias latino-americanas e, consequentemente, a própria economia americana.

O *New York Times* sustenta que o governo do Brasil não mostra a menor pressa em concluir as negociações para o empréstimo, tentando fazer parecer que "está tudo sob contro-

le". Na prática, porém, as autoridades brasileiras deixaram claro que o ajuste fiscal só seria divulgado após o fim das apurações do segundo turno das eleições para governador, fator que foi ignorado pelo tradicional diário.

Outra preocupação com a economia brasileira que o jornal americano expressa na reportagem é a ideia de que o próximo elenco de medidas do governo brasileiro possa não ser abrangente o suficiente para equilibrar as contas públicas. William Perry, especialista do Instituto de Estudos Estratégicos em Washington, disse na quinta-feira ao **JORNAL DO BRASIL** que há uma preocupação dupla com o Brasil na capital americana.

"Primeiro, é preciso ver que tipo de apoio político o presidente Cardoso vai arrancar das urnas no segundo turno. Depois, é preciso ver se o pacote de medidas de controle fiscal tem força para resolver o problema", diz ele, lembrando que convencer os técnicos do FMI sobre a eficiência das medidas é um ganho menor do que conseguir convencer os investidores e demais integrantes do mercado financeiro internacional.